

# SETE OBRAS TRADUZIDAS PARA CONHECER A LITERATURA ÁRABE MODERNA

*Safa A-C Jubran (DLO)*

## **Nota explicativa.**

Este roteiro não tem a pretensão de ser um guia de todas as obras mais representativas ou necessárias para conhecer minimamente a literatura árabe moderna, pois para tanto teria de ser bem mais vasto. É preciso lembrar que a literatura produzida em língua árabe, além de sua amplitude no tempo e no espaço, apresenta diferenças culturais, haja vista o fato de estarmos falando da produção de mais de vinte países que têm a língua árabe como meio de expressão, com suas inevitáveis diferenças culturais, devidas a fatores políticos, culturais e sociais, históricos enfim.

Por isso, os livros aqui contemplados talvez não sejam exatamente os melhores, nem os mais populares e muito menos os mais clássicos de tais regiões e suas diferentes culturas, consistindo antes numa seleção de obras que se encontram disponíveis em tradução portuguesa no Brasil, podendo figurar como introdução para quem deseja se aventurar no rico mundo da literatura árabe moderna. No caso deste roteiro, são todas obras produzidas nos meados do século XX. Engajados social e politicamente, com temas locais, regionais, ou ainda universais, esses autores exploraram a alma humana, seus vícios, belezas, mazelas, dramas, amores e paixões, mostrando suas faces, conflitos internos em narrativas que utilizam variados recursos artísticos e literários, alguns com modelos convencionais, outros com linguagens experimentais e inovadoras, o que pode ser conferido e atestado nas obras arroladas a seguir.<sup>1</sup>

## **1. Tempo de migrar para o norte (Tayeb Salih, 1966/2004. São Paulo: Planeta)**

Considerado pela Academia de Letras Árabes em Damasco o mais importante romance árabe do século XX, tem como pano de fundo o período pós-colonial inglês no

---

<sup>1</sup> Cada uma das obras será citada pelo título da tradução, seguido do nome do autor e da indicação do lançamento do original em árabe e do lançamento da tradução.

O Oriente Médio, em especial no Sudão. Em linhas gerais, conta a história Mustafa, órfão sudanês que abandona sua aldeia ainda jovem, partindo para Londres, adotado por um casal inglês. Expatriado e revoltado com a arrogância dos ingleses, seduz suas mulheres, prepara uma vingança assassina, vai parar na prisão e volta, finalmente, ao país natal. O plano de Mustafa é de se vingar do continente europeu, causando-lhe uma degradação semelhante ao que a Europa impusera ao seu povo durante o período colonial. Esta vingança se dá efetivamente através da sedução e submissão das mulheres inglesas. A vingança de Mustafa se intensifica quando ele percebe que as mulheres que ele seduzia se apaixonavam perdidamente por ele, mas não como indivíduo, e sim, como um objeto que “cheira a sândalo”, um “deus do ébano” vindo de um mundo exótico. As relações de intimidade que se estabelecem entre ele, homem africano, e essas mulheres brancas europeias, sempre conotavam exotismo e mistério, o que facilitava a sedução das mulheres, levando a cabo sua vingança.

Salih cria um personagem que experimenta as dificuldades do diálogo transcultural e que descobre que o ‘Norte’ do título não é tão somente um ponto cardeal; acredita que se trata de uma ideologia que quer cancelar as demais direções. O romance, admirado por Edward Said, reforça a ideia de orientalismo, mostrando como os “ocidentais” criaram a falsa ideia de um oriente com propósitos políticos.

## 2. **Miramar** (Naguib Mahfuz, 1967/2003. São Paulo: Berlendis & Vertecchia)

Este romance de Mahfuz, Prêmio Nobel de Literatura de 1988, é um dos mais representativos no âmbito da literatura árabe. Focaliza a maneira como as vidas dos habitantes de uma decadente pensão de Alexandria são afetadas pela revolução de Gamal Abd al-Nasir no final dos anos 1950, captando, assim, um momento de grande mudança na história do Egito em meados do século XX. Mahfuz, neste romance coeso e enxuto, usou quatro narradores diferentes, cada um descrevendo os mesmos eventos de perspectivas diferentes, e no qual as relações entre eles desenham os conflitos entre as classes daquela sociedade. As decepções do autor com a revolução ficam claras no retrato de um país que estava tentando mudar radicalmente, mas continuava amarrado ao passado, e que perpetuava atrasos e mazelas, mostrando-se ainda incapaz de alterar

muitos de seus hábitos apesar das políticas oficiais propostas e impostas pela Revolução de Abd al-Nasir.

Como muitos romances de Naguib Mahfuz, está repleto de simbolismo, como por exemplo, Zohra, figura central do romance, bela e honesta camponesa que simboliza o Egito, constantemente manipulada por várias forças, por sua vez simbolizadas pelos outros protagonistas, expressando a realidade política do país de então.

### 3. **E nós cobrimos seus olhos** (Alaá Al Aswany, 2004/2013. São Paulo: Companhia das Letras)<sup>2</sup>

Trata-se de uma coletânea de contos encabeçados por uma pequena novela intitulada *As folhas de Issam Abdulâti*, que conta a história de um jovem estudante de química que se destaca pela lucidez com que enxerga os vícios e as hipocrisias do país. Instruído e fascinado pelo “ocidente”, à semelhança de seus conterrâneos, é esmagado pela tirania e corrupção do seu país, o que o leva à ojeriza por sua nacionalidade. Por não ter recebido o consentimento governamental para ser publicada por “mostrar um rosto feio do Egito”, a novela se tornou polêmica, sendo lançada somente dez anos depois, quando o autor decidiu bancar a sua publicação, adicionando-lhe dezesseis contos em que, ao longo de cada fragmento, junto com cada personagem, ele vai dando mais uma pincelada no quadro que traça do Egito moderno, retratado numa paisagem de humilhação, submissão e derrota. Todos os personagens são esmagados pelo peso da hierarquia e da desigualdade, seja nas carreiras, na vida pública, nas relações familiares e nas sexuais. Incapacitados pelo gênero, pela classe, pela religião, por terem deficiências físicas ou mentais, eles encaram duas alternativas: a total submissão ou a extinção social.

Algumas das aflições que Aswany aborda são temas universais: o luto, a solidão, o envelhecimento, as dores da saudade e a frustração na vida pessoal e profissional; contudo, em certos contos, algumas dessas aflições se intensificam, adquirindo uma tristeza peculiar quando se referem a realidades locais, isto é, à estrutura da atual

---

<sup>2</sup> A tradução desta coletânea recebeu o Prêmio ABL de tradução conferido em 2014.

sociedade egípcia, sufocada pela falta de oportunidades, de democracia, de mobilidade e de crescimento.

#### 4. **Porta do Sol** (Elias Khoury, 1998/2005. Rio de Janeiro: Record)

Ao narrar a saga de Yunis, herói da resistência palestina, o autor oferece uma visão arrebatadora e esclarecedora da história construída a partir da extraordinária história de vida do combatente Yunis, que se encontra em coma profundo no leito de hospital improvisado num campo de refugiados nos arredores de Beirute. Khalil, médico e admirador do enfermo, não aceita o fato de que seu herói talvez nunca mais volte à consciência, e por isso se mantém em vigília constante, repassando os eventos da vida de Yunis. O narrador de *Porta do Sol* tece um longo e contínuo fio de histórias ou de fragmentos de memória de outras pessoas, que nem sempre coincidem com as suas, e o faz não para evitar a própria morte, como é a intenção da narradora de *As mil e uma noites*, mas para não deixar seu herói morrer e, assim, com o resgate de sua vida, resgatar a história de todo um povo.

Elias Khoury, tendo ouvido por décadas histórias e depoimentos de refugiados palestinos, constrói um relato tocante e pungente de meio século de êxodo e exílio de um povo, desde a Diáspora (1948), passando pela invasão israelense ao Líbano e o massacre de Sabra e Chatila (1982). Neste romance, além de desconstruir mitos de heroísmo, Khoury trabalha com a ideia de que a memória é o processo de reorganizar o que esquecemos e reconhece, ainda, a ambiguidade que envolve o contar e o narrar, mostrando que uma única história sempre tem várias versões, exatamente como a História.

#### 5. **Yalo** (Elias Khoury, 2008/2012. Rio de Janeiro: Record)

Este romance é ambientado no Líbano pós-guerra civil, onde um jovem, o ex-miliciano Yalo, apelido de Daniel, não consegue se adaptar bem ao tempo de paz e por isso segue cometendo crimes, agora de estupro e roubo. É aprisionado e torturado para

confessar esses e outros crimes que não cometeu, e por isso passa pelas mais cruéis formas de tortura nas prisões libanesas; contudo, a tortura que realmente o aniquila é de ser obrigado a escrever e reescrever sua confissão, e, portanto, a sua história de vida, sem saber como fazê-lo. Mas, de tanto ser obrigado, chega à compreensão, à força de escrever e reescrever, do passado de sua família e de quem ele é. Yalo é filho de uma guerra de muitos rostos, de várias culturas e religiões, foi criado sem pai, vivia com a mãe e o avô, que era padre síriaco, embora seu pai fosse curdo. A identidade de Yalo se forma deturpada e se perde entre diferentes culturas, línguas e religiões, num país, ele próprio, sem identidade. Desse ponto de vista, o romance pode ser considerado uma narrativa do conflito de identidade e de línguas numa região repleta de revolta.

Em termos gerais, este romance de Elias Khoury aborda a história violenta do próprio país. É um "fio de sangue" que liga o massacre de 1860 de cristãos síriacos pelos drusos, à guerra civil do Líbano moderno. A palavra e a guerra são basicamente os dois pontos de referência abordados continuamente ao longo do romance, pela inserção de novas tramas.

#### 6. **Azazel** (Youssef Ziedan, 2008/2015. Rio de Janeiro: Record)

Ganhador do Prémio de Ficção Árabe (*Arabic Booker*), este romance é relatado ao longo de 10 rolos de pergaminho pelo monge egípcio Hypa, que testemunhou e viveu numa época de turbulências e conflitos ocorridos no século V d.C., período em que o Império Romano se adaptava ao cristianismo, ao mesmo tempo em que, dentro da Igreja, os mandatários travavam conflitos doutrinários e de poder que levaram posteriormente ao famoso cisma ocorrido entre as Igrejas do Ocidente e do Oriente. Hypa testemunha as atrocidades que os cristãos cometeram, agora que não são mais uma minoria perseguida, tendo passado à categoria de perseguidores. Uma das tragédias testemunhadas é o linchamento de Hipátia, a filósofa, matemática e mestra grega, pelas mãos dos cristãos. Durante sua viagem do Alto Egito a Alexandria e depois ao norte da Síria, a cada aventura vivida vão se formando dentro do monge e aprendiz de medicina dúvidas e questionamentos que acabam por lançá-lo num mar de conflitos internos verbalizados por diálogos entre ele e Azazel, o mal que se personifica e lhe ordena escrever o que sente, o que pensa e o que oculta, confessando sua paixão insana por

Otávia e seu amor por Martha. Azazel é a tentação que varre o crédulo do monge, instaurando em seu interior uma luta entre o bem e o mal, entre a fé a dúvida.

Youssef Ziedan, estudioso e fundador do centro de manuscritos na Nova Biblioteca de Alexandria, foi hábil na organização das fontes para estruturar este romance histórico, explorando as visões das paixões humanas e expondo a violência perpetrada desde sempre em nome do sagrado.

## **7. Chamado do Poente** (Gamal Ghitany, 1992/2014. São Paulo: Estação Liberdade)

O livro conta a história de um homem que, chamado por uma voz interior, começa uma viagem pelo deserto, saindo do Egito com o destino final no Magrebe, isto é, o país do poente. O viajante passa por lugares fantásticos (como o território das aves), vivendo aventuras extraordinárias, adquirindo a cada milha uma experiência nova. Completada a jornada, conta suas estranhas aventuras ao escriba do país do poente, a mando de seu sultão.

O romance é estruturado em ideias e crenças do sufismo, corrente mística e contemplativa do Islã, baseada na filosofia do autoconhecimento e contato com o divino através de certas práticas. Neste romance, assim como no sufismo, a ideia de viajar é central, e aqui é intimamente ligada ao tempo. Um dos mestres sufis, o murciano Ibn Arabi, dizia que o ser humano viaja com as almas, de uma alma para outra; assim, a cada batida do coração estamos em estado de viagem, viagem esta que pode ser de dois tipos: um viajar no lugar, portanto fora do ser, e outro, no íntimo, para dentro do ser, e que, de certa forma, é também um viajar no lugar. Há dois narradores no romance, um deles aleijado, que não consegue se movimentar, e por isso nunca viajou. O que um compreendeu viajando, o outro o fez ficando no mesmo lugar, fazendo a viagem interior e refletindo sobre as experiências do outro. Assim, temos uma história narrada por duas vozes, uma dentro da outra, uma ecoando na outra.

Gamal Ghitany, nesta viagem rumo ao desconhecido, alia o mistério ao erotismo, a seriedade ao humor, a realidade à fantasia, e, embora sua narrativa tenha a intenção de satirizar o poder, acaba também resultando numa reflexão sobre a vida humana e num hino à beleza do mundo.